

“Merda! Merda! Merda para mim!”.

Correu, nova Virago das ruas,
para o Cais, ao matizado, aos velames,
nalgum desespero pela liberdade vagabunda,
– Dolce Far Niente –,
numa recarga dos síncronos lumes,
Que fizera obliviar as dores físicas dos tantos
quilómetros, séculos, o milénio percorrido.

Este Tejo, chapado das matizes deitadas sobre el,
como um argênteo lençol calmante de peixames,
as línguas todas palradas à volda, à toda volta
o Mundo. Embarcações, guindaste de pontes, e
o estatamento de um Catamaran mimado a ir-se e
deixando para trás as corruptas, imundas flatulências,
seu gás acomodado neste Ar que a tudo bebe e aceita.

Diz-me coisa.

Estaco desvio o meu caminho
Se vejo um camplateau donde estar em cimo.
Raia sol d'estivo e traço
Rumo pelo deserto povoado atrás de alguma coisa.

“No meio
Da dialética
Das coisas”

*Esta coisa, qu' tem uma cifra e
não um cerne,
Stabeleceu conhecimento onde
podia haver affeições,
E nada agora
Perturba as reflexões del.*

Ega É CINOSURA NESTE BÍGUO DIA DE JULHO

A sua voz dela, nela, abriga um todo **cênio**.

-

Degladiando.
Pato hoje.
Sem pathos,
E como corre o Melro.

Pato no palustre.
A História,
um sonho.

-

Aqueduto.
No prad'onírico,
Patos na minha rua.
Pathos,
Tenho o arco na mão.
Eu começo:
No altar os lacrimatos.
Aproveitada pel prince a sua
Refeição de prince: nenhum desperdício
Ou arrependimentos
Ao sol fresco d'Amanhã n'Hoje...

-

4 – Relógio

5 – Mesa de centro

Trocados, o Quadrado e o Tempo.

Ambas coisas.

Barbaridade escantoadada pela coisa: Mesa de Centro madeiras exóticas, variedades mármores em quadradinhos e Bronze, Carvalho... Alta e rija, e por sobre o Relógio de Bronze, o temperpétuo onde menin lê ao lado do galo. Os ponteiros inertes mas o seu soar: toca o tempo. Invisível o tempo.